

Mãe Terra Marly

Conheci Marly quando procurava personagens para uma série de vídeos sobre meio ambiente. Nessa busca, alguém sugeriu que eu procurasse Marly, a pessoa que sugeriu ao Pátio Brasil a coleta de lâmpadas fluorescentes danificadas e encaminhamento para reciclagem. Marly foi movida pela necessidade de dispor adequadamente suas próprias lâmpadas fluorescentes usadas (e guardadas cuidadosamente durante anos até que pudessem finalmente seguir para destino seguro). Lâmpadas fluorescentes contêm mercúrio, substância altamente tóxica quando liberada irresponsavelmente no ambiente. Um lixo de difícil destinação e reciclagem. Poucas empresas no Brasil reciclam lâmpadas fluorescentes apesar de isso ser um bom negócio. Marly arriscou, batalhou, convenceu o Pátio Brasil e hoje o Ecoponto coleta, além de lâmpadas fluorescentes, pilhas e baterias usadas. Sua necessidade pessoal se tornou um benefício coletivo. Além de dispormos de um lugar para entregar nossas lâmpadas danificadas, Marly nos mostra que é possível envolver mesmo aqueles que parecem tão distantes de nossas preocupações com o Planeta, como algumas empresas. Afinal, essas empresas são formadas por pessoas e há pessoas sensíveis por todos os lugares... só temos que encontrá-las. Encontrei Marly.



Tenho ouvido em vários lugares a assertiva: "cada um deve fazer a sua parte". Marly não desistiu diante da primeira dificuldade (e foram várias!) e assumiu com firmeza sua responsabilidade diante do seu próprio lixo. Que grande passo será esse... quando todos assumirem a responsabilidade com o seu próprio lixo! Quando todos destinarem cada lixo ao seu devido lugar. Já que lixo é "tudo aquilo que está fora do lugar", o lixo deixará de existir como tal. Assumir essa responsabilidade significa também perceber o quanto produzimos de lixo e se é realmente necessário que esse lixo seja produzido. Vamos escolher produtos com menos embalagens. Vamos escolher com responsabilidade o que levar para casa. Observemos a quantidade e o tipo de embalagem de cada produto. Será que precisamos de tudo isso? Será que preciso desse bolinho que vem no isopor envolvido em filme plástico? E se realmente preciso, vale a pena levar tanto isopor e plástico para bolo tão pequeno? O bolo sumirá em 5 minutos, enquanto que o resto ficará por aí, boiando em oceanos distantes durante séculos. Será que não é possível que se desenvolvam embalagens que virem adubo orgânico, feitas de celulose? Marly me inspira a achar que nada é impossível.

No mito das Mães do Clã Original, dos índios da América do Norte, "Aquele que Tece a Teia", que representa a face artesã da Deusa, é também aquela que concretiza, que torna o sonho real, que batalha pelo que acredita e que realiza. Marly é uma inspiração para todos aqueles que desejam se conectar com esse arquétipo e tecer na realidade concreta as teias imaginárias do mundo dos sonhos.

Helena Maltez

Celebração das Deusas Afro-Brasileiras Oyá e Oxum

Rodopiando com o vento e fluindo com a água

Com Mirella Faur

Data: 05/12/2009

Horário: das 8 às 17h

Local: Village dos Colibris

Investimento: 80,00
Mulheres integrantes dos grupos de estudos Teia de Thea: 70,00

Almoço incluído

Somente para Mulheres

Vagas limitadas

Informações e inscrições: participar@teiadethea.org

Você na Teia

Olá

Fico feliz e lisonjeado com os comentários sobre o ritual da gratidão. Como já havia dito antes, para mim foi de verdade uma honra receber um convite da Teia de Thea.

Já tinha participado das últimas 4 ou 5 cerimônias, do ano passado para cá, que são abertas à participação dos homens e acho os rituais da Teia muito bonitos, tocantes e que nos conduzem para um outro patamar de consciência e amorosidade.

Tenho grande admiração pelo trabalho de resgate dos rituais antigos com destaque para o sagrado feminino, e não é por acaso. De acordo com as previsões de diferentes escolas espiritualistas, na nova era que se aproxima a humanidade retomará o feminino e o equilibrará com o sagrado masculino.

É nesse sentido, também penso que as pessoas, que desenvolvem atualmente trabalhos como os da Teia de Thea, estão sendo preparadas pelo divino para num futuro próximo poderem repassar toda esta sabedoria e modo de vida em especial para as mulheres e para a humanidade como um todo.

Enfim, estou muito grato por tudo.

Namastê,
Ulisses



Se você também quer compatilhar suas vivências, insights e emoções escreva para deusaviva@teiadethea.org



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Dezembro de 2009, nº 122



Mirella Faur

FIAR E TECER,

AS ARTES MÁGICAS FEMININAS



Fiar e tecer são antigas artes mágicas femininas e aparecem nos mitos de várias deusas como expressão dos Seus poderes proféticos, criativos e sustentadores dos ciclos lunares, das estações e da vida humana. Tendo o fuso como símbolo de poder, a Deusa como Fonte Criadora controlava e mantinha a ordem cósmica, os ciclos naturais e a continuidade do mundo. Fiar é um processo

cíclico assim como também é a alternância das fases lunares, das estações, da vida e da morte, do início e do fim. Inúmeros mitos descrevem deusas tecendo com fios sutis o céu, o mar, as nuvens, o tempo, os elementos da natureza, os ciclos e os destinos dos seres humanos. As Senhoras do Destino de várias tradições - conhecidas como as Parcas gregas, as Moiras romanas, as Nornes nórdicas ou as Rodjenice eslavas - tinham como símbolo mágico o fuso, a roda de fiar, os fios e a tessitura. Elas fiavam, mediam e cortavam o fio da vida, entoando canções que prediziam os destinos dos recém nascidos e apareciam como deusas tríplexes ou tríades de deusas idosas, envoltas por mantos com capuz ou vestidas de branco, preto ou com idades diferenciadas pelas cores das suas roupas (branco, vermelho, preto).

A confecção de roupas de algum tipo de material tecido fazia parte das atividades femininas desde a descoberta paleolítica de preparação de fios, torcendo pequenos filamentos de fibras naturais. Com este método eram preparadas cordas para amarrar, redes, armadilhas, roupas e cobertas. A descoberta do ato de fiar pode ser comparada em importância nas artes domésticas com a introdução da roda nas atividades agrícolas.

A mais antiga tessitura foi encontrada na estatueta neolítica de Lespugue, datada de 20.000 anos a.C. cuja figura feminina chamada de Vênus usa um "avental" de fios torcidos amarrados com uma tira na cintura. Os fios com as extremidades desfiadas indicam a sua origem vegetal ou animal, modelo semelhante à saia de uma jovem, cuja múmia da Idade de Bronze (14000 a.C.) foi encontrada em um tronco de madeira nos pântanos de Dinamarca e que está exposta atualmente no Museu Real de Copenhague. Seus ossos

desapareceram, mas seus cabelos, roupas e objetos de madeira foram preservados pela acidez do solo. A saia era do tipo envelope, com tiras trançadas e presas na cintura e terminando com uma fileira de nós amarrando conchas e pedrinhas, que tilintavam com o balanço dos quadris ao andar. Acredita-se que este tipo de saia - encontrada também em outros túmulos - não era para o uso comum, possivelmente tinha um significado místico e usada em ritos de passagem (menarca, casamento, gravidez). Resquícios deste tipo de avental e enfeites se encontram nos trajes folclóricos dos Balcãs e nas saias com franjas das camponesas de Macedônia, cujos bordados têm formas de losangos, reconhecidos símbolos de fertilidade.

Cintos decorados e usados com objetivos mágicos são citados na Ilíade (coletânea de poemas de Homero), como no mito de Hera, que pegou emprestado o cinto mágico de Afrodite (cujos bordados enfeitados despertavam desejo e amor) para seduzir Zeus. Cintos longos tecidos de lã vermelha e com franjas nas extremidades - chamados zostra - eram heranças preciosas das mulheres européias, que passavam de mãe para filha e eram usados nos partos difíceis, sendo colocados nos ventres das parturientes, assim como era feito com a reprodução do cinto mágico da deusa celta Brigid (chamado brat) que facilitava a concepção e o parto. Temos, portanto, exemplos de roupas tecidas com fins mágicos de proteção e fertilidade desde tempos muito remotos, usadas pelas próprias deusas e que podiam ser "emprestadas" em ocasiões especiais. Na Grécia as deusas teciam e encorajavam as mulheres nesta arte mágica, como comprovam as lendas de mulheres sobrenaturais Circe e Calipso, os mitos da deusa Ártemis, Afrodite e principalmente Athena, exímia tecelã, que ensinou a tecelagem para Penélope e Helena e teceu as roupas de Pandora, após ela ter sido criada pelos deuses.

A lã era o principal material usado na Grécia e no Norte europeu, enquanto no Egito as roupas eram feitas de linho e cânhamo, o linho tendo sido usado em Anatólia desde 7000 anos a.C. e destinado para roupas, toalhas e faixas para embalsamar múmias. No Norte europeu a tecelagem era praticada desde a Idade de Bronze usando lã, cânhamo, linho ou outras fibras, resultando em tecidos de boa qualidade como comprovam os achados dos túmulos e sítios arqueológicos. Durante pelo menos 9000 anos as mulheres passaram os meses de invernos fiando e tecendo e seus tecidos serviam como moeda de troca no intercâmbio com outros países. Somente no século 12 o tear horizontal substituiu o fuso e a roda de fiar e confrarias masculinas foram aos poucos assumindo a tecelagem em grande escala. Porém as mulheres

Edição e Diagramação: Nane Silva
Revisão: Lacy Silva

Informações: Luzia - 81481650; Nane - 96779453; Andrea - 34084065
Web: www.teiadethea.org teiadethea@teiadethea.org
deusaviva@teiadethea.org

Bibliografia: O Anuário da Grande Mãe de Mirella Faur; Imagens da Internet

continuaram a fiar e tecer nas suas casas, mantendo assim vivas as lendas e tradições da tecelagem como uma arte mágica feminina. Um antigo método de tecer, usando pequenas tábuas furadas no meio e giradas com as mãos, era usado pelas videntes da Irlanda para prever o resultado das batalhas e os cataclismos naturais. O fuso era usado também como arma feminina nas disputas domésticas para se defenderem da violência masculina, além de ser o principal meio para ganhar o seu sustento. Além de roupas e lençóis, as mulheres teciam também tapeçarias para as paredes, com cenas míticas ou de guerra que adornavam palácios e templos. Estas cenas tecidas pelas mulheres de várias épocas históricas e diversos lugares, não apenas divulgavam os mitos quando expostas em datas festivas, mas influenciaram a sua interpretação histórica posterior.

Na Escandinávia, Alemanha e os países bálticos permaneceram várias superstições e proibições ligadas ao ato de fiar, bem com certos dias dedicados às deusas, quando era proibido fiar, tecer ou costurar, talvez para proporcionar um merecido descanso após a labuta diária. As lendas das deusas Holda, Perchta, Holle, Latvia, Habetrot - que puniam as preguiçosas com seus fusos - na verdade serviam como incentivo para que o trabalho fosse bem feito e prometiam recompensas para aquelas que se esmeravam na sua arte. A deusa padroeira das fiandeiras existiu em várias tradições como a egípcia (Ísis), alemã (Holle, Perchta), basca (Mari), lituana (Laima), italiana (Befana), eslava (Baba Yaga, Mokosh), japonesa (Amaterasu), grega (Ártemis, Athena), nórdica (Frigga), báltica (Saula, Sunna, Rana Neida), além da Rainha das Fadas de França, Espanha, Irlanda, Inglaterra. As figuras sobrenaturais - que persistiram nas tradições femininas até o século 20 - guardam certas características das antigas deusas da fertilidade, cujas bênçãos eram procuradas por moças e mulheres adultas e cuja ira se direcionava contra aqueles que as exploravam ou maltratavam. As histórias contadas nas longas e escuras noites de inverno preservaram o legado ancestral, que permanece nos contos de fadas e nas imagens das fadas benévolas ou vingativas.

Em diversas bracteate de ouro do século 6 encontradas na Alemanha e usadas como amuletos, aparecem figuras femininas segurando objetos ligados ao fiar e tecer, reminiscências das deusas pré-cristãs. No tempo dos Vikings o predomínio das permanentes batalhas nas lendas associou as atividades de fiar e tecer com os presságios dos desfechos dos combates e

dos sinais do destino. Em um poema norueguês do século 11 descreve-se uma cena dramática em que doze Valquírias tecem entranhas humanas sobre um tear feito de espadas e caveiras e cuja canção pressagia o fim funesto de uma batalha e a morte de muitos guerreiros. O poema talvez mesclasse as figuras das Nornes com as Valquírias, que também aparecem em outros mitos com a missão de prever ou determinar o resultado das batalhas e a escolha daqueles que iriam morrer. Ecos das deusas tecelãs existem no cristianismo, como são vistas nas cenas da Anunciação de vários afrescos, onde Maria aparece segurando um fuso e o fio passa iluminado acima da cabeça de Jesus, enfatizando a ligação entre o ato de fiar como símbolo do destino, da vida e do nascimento da criança divina.

O papel importante desempenhado pela tecelagem na vida das mulheres ao longo dos milênios e o processo pelo qual o fio é criado pelo giro do fuso e da roda, seguido do ato de tecer vários padrões em diversas cores, o tornaram um símbolo mítico efetivo na criação da ordem cósmica e na determinação dos destinos humanos. Tecer é um ato criativo e expansivo, fios, cordas, redes e tecidos foram usados como símbolos da criação do mundo e da vida humana. As mulheres antigas o associavam com o nascimento da criança para um futuro desconhecido, um elo evidente entre tecer e parir, o cordão umbilical sendo o elo que ligava a mãe ao filho e que devia ser cortado para que uma nova vida começasse e cujo fio, também iria ser cortado pela tesoura das Senhoras do Destino no momento da morte. As esperanças e os medos atávicos das mulheres perante os mistérios da gravidez e do parto as fizeram apelar, honrar e reverenciar a Deusa como a Grande Tecelã da vida e da morte.

A herança folclórica da tecelagem foi ignorada e mal compreendida por muito tempo pelos historiadores homens, apesar de ser a mais valiosa arte feminina até o começo da revolução industrial no século 18, que levou a seu esquecimento no mundo moderno. Nos contos de fada o fuso é mais do que uma ferramenta, ele é o elo mágico entre o mundo sobrenatural e o humano; em várias lendas as moças pediam a ajuda das fadas madrinhas untando o fuso com seu sangue menstrual e depois "pulavam em um poço ou entravam em uma gruta". Estes misteriosos atos são lembranças dos antigos rituais xamânicos em que se ofertava algo a Deusa e depois buscava-se a conexão com um transe, que dava a sensação de cair no vazio ou penetrar no mundo das sombras. As tecelãs atraíam criaturas sobrenaturais (fadas, elfos, goblins, anões) que as ajudavam obter prosperidade, por isso aquelas que sabiam tecer eram mais cobiçadas como parceiras pelos



Poema para Chih Nu

Eu mergulho em seu
ventre/céu de luz
É o meu destino
bordado pelas estrelas
Teci a trama de amor
No entrelaçamento de
corpo e alma



Voando entre as nuvens
Que formavam
declarações de felicidade
O amor me faz ir ao seu
encontro
E fortalece o meu voo em
ousadia



Tecelã dos céus, a
criadora da esperança
do amor eterno,
A estrela que sonha
com outra estrela,
Abençoe sempre
o verdadeiro amor

Melissas

homens do que as bonitas, pois a sua arte iria garantir a sobrevivência nas épocas difíceis. Por ser o fuso um símbolo feminino e atribuído a várias deusas, criou-se a associação entre fiar, seres sobrenaturais e magia. Os teutões atribuíram às mulheres atributos mágicos devido ao uso dos feitiços e encantamentos tecidos com habilidade nas noites de lua cheia ou nova, enquanto os saxões chamavam suas mulheres de "tecelãs da paz".

Fontes muito antigas descreviam a deusa anciã como Tecelã e Senhora do Destino, enquanto as Senhoras Brancas se deslocavam nas noites de lua cheia carregando fusos, predizendo a sorte ou dando mensagens às mulheres reunidas nos círculos de menires ou próximo aos locais de poder da terra. As camponesas europeias deixavam meadas de lã ou linho nestes lugares junto com oferendas de pão e manteiga; na manhã seguinte o pão tinha desaparecido e os fios tinham sido tecidos. As mulheres da tribo nativa dos sami da Lapônia untavam suas rodas de fiar com sangue menstrual, pedindo as bênçãos da deusa Rana Neida para a produtividade do seu trabalho.

Vários monumentos megalíticos de Bretanha, Inglaterra, Portugal, Bretanha, Espanha, Irlanda, Malta são consideradas obras das Fadas Gigantes, que carregavam as pedras nas suas cabeças enquanto fiavam e cantavam. Muitos destes lugares têm nomes associados às fadas tecelãs ou ao fuso e roda de fiar. Na Irlanda conta-se que várias colinas e ilhas foram cridas pela anciã Cailleach, que levava pedras no seu avental e as espalhava a seu gosto pela terra. Esta ligação entre seres sobrenaturais, menires e locais de poder telúrico levou à sua "demonização" pela igreja cristã, que as denominou de "pedras do diabo", onde as bruxas teciam suas



maldições e feitiços malignos.

A aranha é vista como uma intermediária entre o céu e a terra, no seu trabalho infinito de fiar, capturar, desfazer e renovar sua teia, por isso ela simboliza a alternância das forças que sustentam a estabilidade cósmica. Jung a considerou símbolo do Self, a parte da personalidade que inclui e integra o subconsciente e o consciente, o claro e o escuro, a luz e a sombra. Em vários mitos a deusa criadora aparece como aranha: A Mulher Aranha dos índios hopis e navajos, as deusas lunares da Indonésia, as guardiãs do tempo e do destino da Índia e a deusa da morte dos Mares do Sul.

Os círculos sagrados femininos - como a Teia de Thea - têm como objetivo principal a formação e sustentação de uma teia feminina de conexão e de reverência à sacralidade feminina, cujos fios estão sendo tecidos, fortalecidos e renovados permanentemente por todas aquelas mulheres que se dispõem celebrar, honrar e servir à Deusa sob Suas inúmeras faces e manifestações. Este serviço deve ser feito sem qualquer apego aos resultados e frutos dos seus esforços, assim como também as antigas tecelãs cumpriam apenas a sua tarefa ancestral visando o bem estar das suas comunidades.

Para servir precisa abrir o coração com a vontade de contribuir com a beleza, a plenitude e a alegria do trabalho bem feito, em benefício de outras irmãs e da Terra, oferecendo à Deusa a sua gratidão e o seu amor, sem esperar em troca reconhecimento, recompensas ou sucesso, com a certeza de ter cumprido a sua missão espiritual e evolutiva nesta encarnação.



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Os registros da história da humanidade não alcançam em detalhe o instante iluminado, quando mãos criativas começaram a transformar fibras em fios e esses, cúmplices, enlaçaram-se na construção das primeiras tramas. Aquele foi certamente mais um momento de rara beleza, revelando a Minha presença entre os povos! Saiba que quando, mesmo com certa relutância, você dedica paciência e atenção para fiar e tecer dons, um grande leque de possibilidades se desdobra, despertando uma sabedoria ancestral, que sempre esteve dentro de você.

Ao manusear as fibras de suas habilidades, fazendo nascer um fio que parece não ter fim, você se aproxima do sentimento de unidade e da permanência, trocando o conceito limitante de morte pela beleza da transformação. O ato de colorir essas meadas permite que você exercite a capacidade de expressar sua essência, sem julgamentos de valor ou disputas vazias, assim como faz uma rosa que, mesmo sem julgar-se

flor, exala o próprio perfume plenamente. Imprimindo determinado padrão ao ordenamento dos fios, você se curva ao Amor, que tudo governa, tal e qual uma sacerdotisa servindo ao grande Propósito. E, finalmente, é maravilhoso que você tenha olhos para constatar quão sagrada é a oportunidade de colocar sua criação a serviço do Todo. Mais que levar proteção e aconchego, como uma colcha de doces lembranças de amor, o ato de servir implica reconhecimento e respeito, a si mesma e aos outros, componentes essenciais nas relações, embora sejam comumente considerados meros acessórios.

Filha minha, que os valores fugazes não turvem a sua visão para a manifestação do sagrado, em cada uma de suas tarefas. E que, resgatando habilidades e dons esquecidos nas tramas do tempo, você viva em alegria, competência e delicadeza o privilégio de ser mulher, aqui e agora.

Em beleza e harmonia,
Aquele que é.

